

## SANTA CRUZ DOS MILITARES

O templo da Santa Cruz dos Militares, levantado na rua 1.º de Março, esquina da rua do Ouvidor, tem a sua história assinalada por fatos curiosos que datam de muitas anos, e que bem revelam o espírito religioso da nossa gente, em todos os tempos, herdado dos descobridores em 1500. E a nacionalidade brasileira assim se formou, tendo como guia espiritual os mandamentos cristãos, e como exemplo de fé a cruz onde morreu o Redentor do mundo por amor à humanidade.

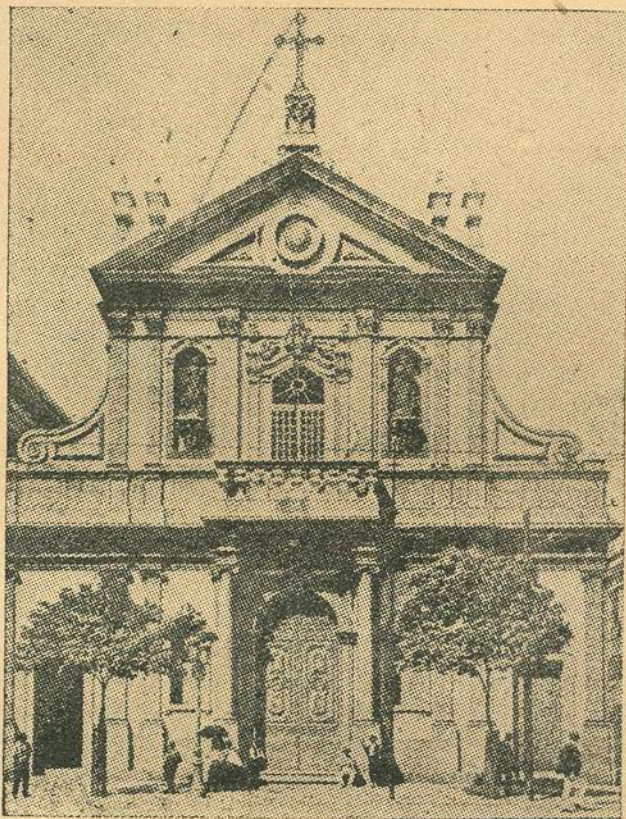
\* \* \*

Antigamente, no ano de 1623, havia no local onde se encontra hoje a Igreja da Santa Cruz dos Militares, um pequeno forte, com seus canhões apontados para o mar, pois as águas da baía de Guanabara chegavam até êle, em cuja amurada de pedra se quebravam as ondas por vêzes revoltas. Denominava-se Santa Cruz êsse forte. O tempo, entretanto, se encarregou de envelhecer e destruir quase completamente essa defesa do velho Rio de Janeiro, e em 1623, Sta Cruz apresentava o aspecto de desoladora ruína.

À vista da imprestabilidade do forte, que, dia a dia, mais se acentuava, os oficiais e soldados da sua guarnição resolveram se dirigir ao governador da cidade, Capitão Martim de Sá, para pedir-lhe que consentisse na edificação ali de uma ermida, onde os militares pudessem ser sepultados. Obtida a permissão desejada iniciaram logo os trabalhos, e o pequeno templo ficou concluído em 1628, recebendo a denominação de Santa Vera Cruz.



Formou-se então a Irmandade, cabendo aos oficiais superiores a obrigação de concorrerem com 100 réis mensais, os inferiores com 50 réis, e os soldados rasos com 20 réis apenas para a manutenção do templo, tendo sido eleito para Juiz o Capitão Martim de Sá.



STA. CRUZ DOS MILITARES

\* \* \*

Logo terminada a construção da capela, os navegantes e comerciantes das imediações, passaram a festejar o seu padroeiro S. Pedro Gonçalves, na Sta. Vera Cruz, ao que os irmãos não se opuseram; ao contrário, em virtude de serem



muito escassos os recursos de que dispunham, resolveram mesmo ceder, praticamente, àqueles festeiros, metade da ermida, sob a condição expressa de fazerem êles face a uma parte das despesas, não sòmente ordinárias, como das obras que acaso tivessem de ser realizadas. E assim foi vivendo e prosperando sempre a Capela da Santa Vera Cruz.

\* \* \*

Nos princípios do século 18, a igreja de S. Sebastião, situada no alto do môro do Castelo, e que servia de Sé, ao Rio de Janeiro, encontrava-se bastante danificada pelo tempo. Carecendo de obras urgentes, voltou então o Bispo os olhos para a Sta. Vera Cruz, dirigindo-se à Irmandade com o intuito de conseguir que a capela fôsse cedida, para ali serem celebrados os ofícios religiosos, elevando-se, **ipso facto**, à categoria de Sé e Catedral. Isso mesmo foi comunicado a el-rei em 13 de setembro de 1703, e o desejo mereceu o **beneplácito** real.

No entanto, pouco tempo após, tiveram início sérias divergências entre os padres e os militares; êste achavam, com justa razão, que o templo lhes pertencia; que era uma propriedade construída por êles, com ingentes esforços e indescritíveis sacrifícios. E os desentendimentos tomaram vulto, e os padres de S. Sebastião acabaram por deixar de celebrar ali as suas missas.

Assim, a Sta. Vera Cruz foi, durante três anos e meio, apenas, a Sé do Rio de Janeiro.

\* \* \*

Em 1716, o então governador da cidade, General Francisco de Távora, por carta de sesmaria, confirmada mais tarde pelo rei de Portugal, D. João V, cedia à instituição religiosa, não sòmente o terreno em que assentava a ermida, mas tòda a área de terra que fôsse ficando nos fundos pelo recuo do mar.

Por cêrca de 1760, a ermida que não resistira ao correr do tempo, achava-se quase em ruínas. Se não fôsse tomada uma providência para o seu soerguimento teria fatalmente que desaparecer. Os militares então apelaram para os festeiros de



S. Pedro Gonçalves, no sentido de auxiliá-los com uma parte das despesas para a reconstrução do templo, que de longa data vinha servindo também a êles para a realização de suas comemorações. Não conseguiram, todavia, o seu intento; não concordaram aqueles, e até deixaram de festejar o seu protetor.

Não desistiram, no entanto, os militares, de reconstruir a sua casa de orações. Anos depois, isto é, em 1780, resolveu a Irmandade começar a ereção definitiva de sua igreja, e convocou os festeiros de S. Pedro Gonçalves para discutirem sobre a cessão dos prédios, que a êsse tempo já havia no local, e que pertenciam às duas confrarias. Ficou nessa ocasião assentado que os festeiros cederiam a sua parte nos prédios, mediante a condição de lhes ser permitida a realização de uma festa anual a S. Pedro Gonçalves, e, ainda mais, que a imagem do santo tivesse um altar no novo templo. E tudo isso ficou ajustado e foi cumprido.

A primeira pedra da construção foi colocada em 1 de setembro de 1780, e os trabalhos tiveram início sob a direção do Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria. Trinta e um anos após, em 1811, foi terminada a igreja que recebeu a denominação de Santa Cruz dos Militares. A 28 de setembro, quando da sua sagração, foi celebrada missa solene, com a assistência de pessoas da maior evidência na época, inclusive o príncipe-regente D. João, que para aqui correra fugindo às bordas napoleônicas que dominavam quase tôda a Europa na sua sêde de conquista. Nessa ocasião a Irmandade ofereceu ao Regente o título de seu Protetor, o que foi aceito com viva alegria, dado o espírito religioso do príncipe.

O templo tem passado por várias reformas e pinturas internas; contudo conserva ainda a sua primitiva forma.

\* \* \*

A nave é tôda branca, em estuque trabalhado e revestido de gesso, vendo-se nas paredes desenhadas em relêvo, magníficas obras que recordam o passado império, inclusive o emblema, além de outras lembranças caras, como condecorações e instrumentos militares, e ainda as ordens honoríficas instituídas pelo nosso primeiro imperador. O púlpito onde se fazem ouvir os pregadores, é magnífico em seu desenho.



São três os altares do templo. No da Capela-mor está colocada a Cruz sobre o Monte do Calvário, tendo ao pé a imagem de N. S. da Piedade; mais abaixo estão a do Sagrado Coração de Jesus e a do Senhor Desagravado, que constitui uma das grandes devoções da Irmandade. O altar do lado direito é de N. S. das Dôres, e o que fica à esquerda apresenta a imagem de S. Pedro Gonçalves.

Guarda a igreja preciosas relíquias que rememoram feitos heróicos dos soldados do Brasil. Assim, junto ao arco do cruzeiro, encontram-se três bandeiras paraguaias que caíram em mãos dos nossos patrícios por ocasião da batalha de Avaí, ferida em 11 de novembro de 1868. Esses troféus de glória para nós, foram oferecidos à Irmandade pelo Duque de Caxias, figura máxima do Exército Brasileiro.

A propósito do Duque de Caxias, queremos transcrever aqui algumas palavras proferidas pelo ilustre militar, quando foi empossado no cargo de Provedor da Irmandade, e que bem demonstram a sua grande fé religiosa:

— “Os laços da espada nos unem, as lides da guerra nos ligam e os braços da cruz nos abrigam. Irmãos pela cruz e irmãos pela espada, a nossa missão é sagrada: Santificar o culto do Divino Lenho e aliviar da miséria as viúvas e filhos dos que seguem a nobre profissão das armas. Eis aí o justo fim da sábia instituição denominada Irmandade da Santa Cruz dos Militares”.

A Irmandade, no tempo da monarquia, foi considerada imperial, por Decreto de 3 de dezembro de 1828, tendo D. Pedro 1.º, se declarado seu Protetor. Esse título D. Pedro 2.º transferiu para si, pouco depois da sua ascensão ao trôno brasileiro, em 1840.

\* \* \*

Instituiu-se em 1845, a devoção do Senhor Desagravado, que teve origem em um fato ocorrido na igreja durante uns reparos de pintura que ali se executava.



Foi em 29 de julho, pela manhã. O operário português Augusto Frederico Corrêa, em dado momento, vendo sôbre o altar do Consistório a imagem do Cristo morto, desacatou-a, dirigindo-lhe pesados improperios. Advertido pelos companheiros de trabalho, respondeu-lhes que não temia a Deus e que "aquilo" era apenas um pedaço de madeira sem maior significação. Só acreditaria na existência do Cristo se êle o matasse às 3 horas (hoje 15 hs.) daquele dia.

O trabalho continuou, e ninguém mais pensou no ocorrido.

Quando o relógio anunciava justamente 3 horas, ouviu-se no templo um lancinante grito, e o operário caiu pesadamente no chão, em frente ao altar de N. S. das Dôres, contorcendo-se em horríveis convulsões.

Conduzido em rêde para a residência, à rua do Senado n.º 48, ali esteve durante três dias completamente desacordado; no dia 1 de agosto, porém, foi o operário encontrado completamente curado, abraçado a uma imagem da Virgem das Dôres.

O acontecimento foi divulgado por tôda a cidade, e o Bispo D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, juntamente com outras autoridades eclesiásticas, dirigiram-se no dia 12 do mesmo mês ao local do delito, e ali entoaram preces em desagravo pela ofensa à imagem do Cristo, e Augusto Frederico Corrêa, de joelhos, pediu perdão pelo desacato, proferindo palavras de fé e arrependimento.

Desde êsse dia, comemora-se anualmente na Igreja da Cruz dos Militares a cerimônia do Desagravo, que consiste em uma procissão interna, sendo a imagem conduzida pelos irmãos, enquanto o capelão, durante o trajeto, reza em voz alta preces de louvor ao Altíssimo.